

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Carioquices

Há cidades que são conhecidas por seus monumentos. O Rio de Janeiro é conhecido por seus hábitos. Basta passar alguns dias por aqui para perceber que o carioca não vive apenas na Cidade Maravilhosa; ele vive um modo de ser que dificilmente se encontra em outro lugar do país.

O visitante logo estranha. Depois, encanta-se.

O carioca toma café olhando para o mar como quem consulta um velho amigo. Reclama do calor quando o termômetro marca trinta e dois graus e, na primeira frente fria, veste casaco, cachecol e jura estar congelando. Caminha quilômetros dizendo que é 'logo ali'. Faz do calçadão uma extensão da sala de casa e da praia um quintal onde se encontram empresários, pescadores, artistas, aposentados e estudantes, todos dividindo a mesma faixa de areia.

Mas existe uma carioquice que talvez seja a mais bonita de todas. Sua maneira de viver a fé. No Rio, a religiosidade raramente cabe dentro de uma única definição. Ela passeia pelas ladeiras de Santa Teresa, sobe ao Corcovado, atravessa a Igreja da Penha, entra na pequena capela do bairro e, sem pedir licença, acende uma vela para São Jorge. No dia seguinte, alguém veste vermelho, oferece flores e reverencia Ogum com a mesma devoção. Mais tarde, numa esquina da Lapa ou de Madureira, outro agradece a proteção de Seu Zé Pelintra, de terno branco impecável, gravata vermelha e chapéu elegante. Quem chega de fora pode estranhar. O carioca, não.

Ele aprendeu que a fé não precisa levantar muros. Ela constrói pontes. Aqui, o sinal da cruz pode anteceder um "Saravá". O terço pode dividir espaço com as guias. O respeito vale mais do que os rótulos.

Talvez por isso o dia 23 de abril seja um dos retratos mais bonitos da cidade. As igrejas lotadas de devotos de São Jorge. Os terreiros homenageando Ogum. Pessoas de diferentes crenças caminhando pelas ruas com o mesmo sentimento de esperança. O Rio parece compreender, como poucas cidades, que o sagrado pode vestir muitas roupas sem deixar de ser sagrado. As carioquices também aparecem nas pequenas cenas.

No 'bom-dia' dirigido ao motorista do ônibus. Na conversa despretensiosa da fila da padaria. No aplauso espontâneo ao pôr do sol no Arpoador. Na roda de samba que nasce sem convite. No ambulante que conhece o freguês pelo nome e já entrega o mate 'do jeito de sempre'. São detalhes. Mas são justamente eles que transformam uma viagem em lembrança. Quem visita o Rio costuma fotografar o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e as praias. Leva para casa belas imagens. Mas o que permanece na memória quase sempre é invisível: a leveza de um povo que conversa com desconhecidos, sorri sem cerimônia e mistura céu, mar, samba e fé com a naturalidade de quem aprendeu que a vida é melhor quando cabe todo mundo nela. Talvez essa seja a maior das carioquices: a capacidade de transformar diferenças em convivência, devoção em acolhimento e rotina em poesia.

É por isso que tanta gente chega para conhecer uma cidade e acaba se apaixonando por um jeito de viver. Porque o Rio nunca foi apenas uma paisagem. O Rio é um estado de espírito. E o carioca, com todas as suas manias, continua sendo a mais encantadora de suas paisagens.

